

070
008

Revitalização vai recuperar 300 prédios no Centro

André Hees

Foto de Nestor Muller



O calçadão da Rua Sete deverá ser modificado, dentro do projeto de tornar o Centro mais humano e funcional

O projeto de Revitalização do Centro ganha fôlego e pretende recuperar cerca de 300 prédios de valor histórico e

arquitetônico em longo prazo, com o auxílio da professora Maria Cecília Jael Nascif. O plano vai além: quer aproximar a cidade do Porto, e estimular a atividade turística e

econômica em uma região que inspira cuidados. Vitória é uma das cidades mais antigas do país e não parece. Sucessivas administrações, inconsequentes e inescrupulosas, maltrataram e descaracterizaram a capital capixaba, que já foi conhecida como "cidade presépio", e agora depende do apoio de todos para se recuperar.

Principalmente do Governo do Estado e da iniciativa privada.

Vitória completa 442 anos em setembro mas quem passa pelo centro não encontra indícios de que seja quase dois séculos mais antiga do que cidades históricas como Ouro Preto ou São João Del Rey. Ao longo dos anos, a capital capixaba foi agredida por algumas administrações municipais e estaduais que destruíram construções coloniais e mesmo de outros períodos, frequentemente sem necessidade, por absoluta falta de informação e sensibilidade, na opinião da professora de Estética e História da Arte Maria Cecília Jael Nascif.

Hoje ainda restam cerca de 300 prédios históricos que Cecília espera que sejam recuperados com o Projeto de Revitalização do Centro, elaborado pela Prefeitura de Vitória. Claro que o orçamento municipal não permite a restauração das construções em curto ou médio prazo, mas a atual administração adota o projeto como uma "postura permanente", nas palavras do diretor da Companhia de Desenvolvimento de Vitória, Antônio Rosetti. "A revitalização do centro do Rio de Janeiro já dura 15

anos", lembra ele.

Para executá-lo, é imprescindível a parceria com a iniciativa privada e com o Governo do Estado, segundo o prefeito Paulo Hartung. O plano começou a ser implantado na administração passada, que recuperou a Fafi, o viaduto Caramuru e a Praça Costa Pereira, além de reorganizar o comércio de camelôs no Centro. No momento, a Prefeitura restaura cinco escadarias, entre elas a Maria Ortiz e o Colégio São Vicente de Paulo, construído no século passado.

As escadarias receberão iluminação de destaque, com refletores de vapor de sódio, como os da Fafi. O projeto de recuperação do São Vicente será reavaliado pela CDV porque, segundo Antônio Rosetti, ele previa intervenções incompatíveis com o estilo neoclássico original do colégio.

Rua Sete

Ainda este ano será modificado o calçadão da Rua 7. Bancos e luminárias serão trocados e todo o espaço será redesenhado. "Hoje, sua estrutura impede, por exemplo, a visão do Morro da Fonte

Grande e o canteiro impede a passagem de veículos. Em caso de emergência, o calçadão pode ser utilizado por ambulâncias ou carros do Corpo de Bombeiros", explica o diretor do CDV.

Serão iniciadas também este ano melhorias no calçadão da Rua Duque de Caxias e entre as prioridades do projeto estão obras como restauração da Igreja do Rosário, Praça 8, frontispício da Igreja de São Francisco e escadaria do Palácio Anchieta, vítima de sucessivas depredações. "A escadaria é um importante símbolo da cidade, muito bonito, e não quero vê-lo neste estado de abandono", disse Paulo Hartung.

A Prefeitura pretende ainda promover maior integração da cidade com o Porto de Vitória. "Precisamos verificar a disponibilidade de armazéns onde possamos implantar um centro de negócios internacionais, voltado para a exportação", afirma Rosetti. Ele sugere que sejam instalados no local estabelecimentos como restaurantes ou lojas, além de espaços para exposições de arte.

O projeto é ambicioso, mas

exequível, garantem os responsáveis. Para isso, a Prefeitura conta com um forte aliado, o brilho da professora Cecília Nascif, PhD em Estética e Ciência da Arte pela universidade de Sorbonne, em Paris, onde viveu por três anos e meio. Ela se colocou à disposição da Prefeitura por uma característica que faltou a tantos homens públicos: amor à cidade. "Qualquer cidadão que deseja o bem da sua gente, de sua terra, não pode ficar sentado apontando defeitos. Me coloco à disposição porque sou apaixonada pela minha cidade, pelo meu país, sem ufanismos", ressalta.

Por isso, ela se irrita só em ouvir falar de propostas obtusas e temporâneas como a construção de um elevador ligando o Centro à Ilha do Príncipe. "É um absurdo que se fale em construir um viaduto passando pela principal avenida da cidade, em frente ao Palácio Anchieta. Seria uma agressão. É preciso solucionar o problema do trânsito na capital, mas sem destruí-la", adverte.

Ela utiliza uma imagem curiosa para descrever Vitória: uma mulher atraente, de feições belas, mas

malvestida, suja e com cabelos emaranhados. "É uma cidade viável, bonita, e pode se tornar agradável aos olhos. Precisa de um 'banho de loja'. O projeto de Revitalização do Centro pode mudar a cara de Vitória", exulta.

A idade dos prédios que ela pretende ajudar a restaurar varia de 60 a 300 anos, os mais antigos localizados em vias como Jerônimo Monteiro, Duque de Caxias, Nestor Gomes, Florentino Avidos e Avenida República. A maioria das casas é do século passado e início deste século. "Época em que a arquitetura era muito bonita e caprichosa", observa.

Os estilos se confundem e possuem características de movimentos como neoclássico, art-nouveau e art-decô. "São bem representativos de manifestações artísticas importantes, que sofreram os efeitos da Revolução Industrial".

Com a invenção da máquina a vapor, a civilização saiu da era artesanal para a industrial, que permitiu nova utilização de materiais como ferro e madeira. Mas havia um problema: a produção em série prejudicava a qualidade estética e

as características intrínsecas do objeto, ou seja, a máquina não era evoluída o suficiente para produzir peças de qualidade.

"Então nascem na Alemanha e na França movimentos de reação de artesãos e artistas e posteriormente, em consequência desses movimentos, em meados do século XIX, nasce o art-nouveau e o art-decô, que chegaram no Brasil com 50 anos de atraso. Alguns administradores não tinham consciência da importância das edificações e permitiram sua descaracterização", explica Cecília.

Na década de 70, época do "milagre econômico", várias indústrias se instalaram nas proximidades da ilha, como a companhia Siderúrgica de Tubarão, a cidade se expandiu para a Zona Norte, o mercado imobiliário esquentou, o fluxo migratório se intensificou e a cidade cresceu sem planejamento. Resultado: surgiram invasões como São Pedro, e favelas em morro, o que não havia em Vitória até os anos 60.

Mas a cidade pode ganhar novas feições com a implantação gradual do projeto de Revitalização. Não é preciso muito para modificar a cinzenta Jerônimo Monteiro, por exemplo. Só a retirada dos letreiros das lojas, que obstruem as fachadas de prédios antigos, contribuiria para a redução da poluição visual. "Em termos de marketing, inclusive, aquilo é o anti-marketing. Não é o tamanho do letreiro que garante a vendagem dos produtos" pondera a professora.

Para a diretora-regional do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural, Carolina Abreu, os letreiros refletem profundo mau-gosto e não são eficientes sob o ponto de vista comercial. "Eles não precisam ser berrantes para chamarem a atenção ou para tornar a loja conhecida". A arquitetura genuína da cidade foi maquiada de forma grosseira, em sua opinião, e recuperá-la é fundamental para a memória da cidade. E ela vai além: há conjuntos harmoniosos de casas que são prejudicados por construções que desrespeitam o Plano Diretor Urbano e são instaladas ao lado de prédios antigos, sem respeitar o distanciamento previsto em lei. "Eles estão emparedando a cidade", lamenta.